

# Supervisão do Projeto de Correção de Fluxo em Órgão Regional do Sistema de Ensino

**Ione A. Zucchi Modanese**

Graduada em Geografia, é coordenadora regional do Projeto Correção de Fluxo no Núcleo Regional de Educação (NRE) de Francisco Beltrão-PR.

Francisco Beltrão, localizado no sudoeste do Estado do Paraná, é sede do Núcleo Regional de Educação (NRE) de vinte municípios. Dos 103 estabelecimentos de ensino desse NRE, 58 participaram do Projeto Correção de Fluxo em 1998, tendo-se instalado 155 turmas que reuniam um total de 4,472 alunos, incluindo os que freqüentavam as classes do Projeto (provenientes de 5<sup>a</sup> a 7<sup>a</sup> série) e os que haviam sido encaminhados para a 8<sup>a</sup> série, provenientes das classes do Projeto criadas no ano anterior.

Conhecendo a realidade das escolas e os dados estatísticos relativos a nosso Estado e ao País, entendemos que vencer o fracasso escolar representa um desafio para os educadores, embora não seja unicamente responsabilidade do professor, mas de todos os segmentos envolvidos com a educação. Visando à reversão dos índices de evasão e repetência, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed) iniciou em 1996 o Projeto Correção de Fluxo, cujo objetivo é combater a defasagem idade/série na rede estadual de ensino, possibilitando que alunos multirrepetentes retomem, com sucesso, o percurso regular da escolarização e freqüentem a série prevista para sua faixa etária. Na proposta, trabalha-se com grupos heterogêneos de alunos oriundos de várias séries e diferentes níveis de conhecimento. Rompe-se com a seriação, e a organização curricular consiste em um rearranjo dos conteúdos basilares relevantes de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, levando em consideração a especificidade de cada disciplina e a diversidade cultural dos alunos.

Ao viabilizar o Projeto neste NRE, fez-se necessário o envolvimento, não só da área pedagógica, mas de todos os setores que, de uma ou outra forma, estão ligados ao ambiente escolar.

Conscientizar os diretores e supervisores da importância e necessidade do Projeto para os alunos com defasagem idade/série foi central em nosso trabalho. Traçamos como meta principal o sucesso e a permanência desses alunos na escola que, normalmente considerados "problemas", eram excluídos por "não conseguirem aprender".

Para atingir essa meta, organizamos estudos bimestrais com o grupo dos envolvidos na proposta (técnicos NRE, diretores e

supervisores). Nos dias de estudo, desenvolviam-se atividades com textos de apoio, dinâmicas de trabalho em grupo, o material Ensinar e aprender (especialmente produzido para professores e alunos do Projeto), o planejamento, registros e fichas de avaliação, sempre com enfoque especial quanto à função, comprometimento de cada um no Projeto e o valor do trabalho coletivo.

Salienta-se, como um dos fatores determinantes para o sucesso do Projeto, a competência e o perfil dos professores "multiplicadores". Os mesmos participavam de encontros de formação ministrados pelo Cenpec em Curitiba, e os multiplicavam aos demais professores de suas respectivas disciplinas que lecionavam para classes do Projeto. Para a seleção dos multiplicadores, consideramos o seguinte perfil: atuação em sala de aula, clareza da função social da escola, domínio da fundamentação e dos conteúdos de sua disciplina, facilidade de comunicação, comprometimento e crença no Projeto.

Como pretendíamos interferir na raiz da escola, objetivando mudanças reais na prática pedagógica, formamos um grupo de estudos permanente entre os "multiplicadores" e a equipe de ensino do NRE, com a intenção de obter subsídios e sustentar o trabalho de todos os professores. Disso resultaram cursos bem organizados, em que os professores, além de conhecer o material *Ensinar e aprender*, trocavam experiências, estudavam e produziam conhecimento. Os cursos oportunizaram aos professores crescimento pessoal e profissional, valorização, crença no próprio trabalho e em seu poder de transformação.

Paralelo aos cursos, realizávamos o acompanhamento do Projeto, através de visitas pedagógicas às escolas, de relatórios e estatísticas quanto ao aproveitamento e à movimentação dos alunos em relação à frequência, transferências e evasão. Se constatada, a partir dos dados, qualquer situação-problema, providenciávamos para que fossem desenvolvidas ações a fim de reverter o caso.

No desenvolver do Projeto, encontramos certas dificuldades, especialmente a resistência de alguns professores em mudar sua prática pedagógica e incorporar a avaliação tal como proposta no Projeto, feita com base em registros constantes, que

permitem acompanhar a aprendizagem e os avanços de cada aluno, sem atribuição de notas numéricas. Outras situações enfrentadas, e que dificultaram a agilidade de algumas ações, foram de ordem estrutural: atraso na entrega dos materiais de apoio específicos do Projeto; desencontros de informações entre a Secretaria, o Núcleo e a escola; falta de condições ideais para a realização dos cursos (espaço físico, quotas de xerox, atraso no pagamento das bolsas-auxílio aos professores e "multiplicadores"). Além dessas, havia a dificuldade de gerenciamento, na escola, em relação às atividades com os alunos, quando da ausência dos professores para participar dos cursos.

Por meio do envolvimento coletivo, muito diálogo e estudo, tudo isso foi sendo superado. Muitas vezes sentimo-nos cansados, chegando a desacreditar que poderia dar certo. Porém, normalmente havia alguém do grupo para alertar que as dificuldades faziam parte do "jogo" e que era preciso considerar os avanços. Então, retomávamos a situação. Aprendemos a recomeçar, sem medo, todas as vezes que fosse preciso para alcançar nossas metas.

Trabalho intenso, preocupações constantes foram vivenciadas durante todo o desenvolvimento do Projeto mas, por outro lado, os ganhos para o Núcleo Regional de Educação, como um todo, foram compensadores. Temos um grupo de professores que estão fazendo a diferença. Tornaram-se mais comprometidos com o processo ensino-aprendizagem, respeitam a individualidade e o ritmo de cada aluno. Estão convictos de que todos são capazes de aprender e são os autores de seu trabalho pedagógico. A avaliação passou a ser entendida como uma "escuta" do próprio professor, momento de reflexão em relação ao aprendizado do aluno, sua ação pedagógica e o contexto escolar.

A dedicação e o envolvimento junto aos alunos fizeram com que a grande maioria, cerca de 92% deles, concluíssem o ensino fundamental. Menos de 2% permaneceram na 8ª série. Infelizmente, tivemos ainda uma evasão em torno de 6% (dados de 1998).

O Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar da Seed, que aplica provas anuais aos alunos - e permite acompanhar

a trajetória dos egressos das classes de Correção de Fluxo - confirmou que estes não apenas avançaram nas séries subseqüentes, mas realmente aprenderam. Constatamos que, no resultado geral, os alunos do Projeto Correção de Fluxo tiveram aproveitamento muito próximo aos do ensino regular, sendo que, em muitas escolas, as turmas de Correção de Fluxo tiveram médias superiores às do ensino regular.

Neste ano (1999), não há o Projeto na maioria das escolas por ter sido corrigido o fluxo escolar dos que apresentavam defasagem idade/série. Porém, continuamos preocupados, porque nos deparamos com uma nova situação: os professores do ensino médio não estão devidamente preparados para receber esses alunos. Assim, organizamos encontros envolvendo os antigos multiplicadores e professores do Projeto e os do ensino médio, apresentando a estes a fundamentação filosófica, a metodologia utilizada, os conteúdos priorizados, o material *Ensinar e aprender*, o enfoque e as formas de avaliação da proposta.

O ponto alto dos encontros foi o relato dos professores envolvidos, em relação à grande experiência que tiveram como educadores, em garantir a chegada desses alunos ao ensino médio, bem como o selamento de compromisso com esse grupo, que agora também passa a ser responsável pelo sucesso e pela permanência dos mesmos na escola.

Pelo processo vivenciado e construído, concluímos que a filosofia do Projeto deve estar presente permeando todas as ações e reflexões da escola, evitando, assim, novas situações de fracasso escolar. Para tanto, é necessário que todos os setores envolvidos com a educação garantam, em suas propostas de política educacional, investimentos maciços na formação contínua dos educadores. Só assim poderemos ter escolas não divorciadas da realidade social.